

Medonho, objeto ou sujeito na literatura brasileira? Reflexões a partir da recepção do debate sobre masculinidades negras no Brasil

Resumo: Este artigo propõe analisar como a personagem Medonho, negro, homossexual, na obra *Suor* de Jorge Amado é representado sob a ótica de estereótipos, a partir da recepção dos estudos fanonianos no Brasil, que tem ensejado o debate sobre masculinidades negras. Não se trata de um estudo no campo da análise do discurso literário. Da mesma forma, nossa análise não se pauta em juízo de valor sobre o autor, nem é um exercício anacrônico, pois está fundamentado em discussões emergentes na academia, muitas vezes, realizadas por cientistas sociais negros.

Abstract: *The article proposes to analyze how the character Medonho, black, homosexual, in the opus *Sweat of Jorge Amado*, it is represented from the perspective of stereotypes, starting from the reception of the Fanonian studies in Brazil, which has led to the debate on black masculinities. This is not a study in the field of literary discourse analysis. Likewise, our analysis is not based on a judgment of value on the author, nor is it an anachronistic exercise, because it is based on discussions emerging in the academy, often carried out by black social scientists.*

1. Introdução

Pretende-se neste artigo, analisar como a personagem Medonho, negro, homossexual¹, é representada no romance *Suor* de Jorge Amado, a partir dos estudos sobre masculinidades negras no Brasil. O objetivo não é esgotar as reflexões sobre a obra amadiana, muito menos, adentrar sobre a categoria masculinidade hegemônica e homossexualidade, como defendida por alguns autores (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013; FRY; MacRAE, 1985).

Há, pelo menos, três particularidades nesta análise, (i) Medonho é uma personagem que não pode ser analisada sem entender o discurso da baianidade que, diz respeito, entre outras razões, ao espectro da imagem do/a negro/a na Bahia², discurso este construído historicamente por literatos, políticos e artistas sob influência do racismo; (ii) a literatura brasileira é um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de estereótipos desde sua formação à contemporaneidade (EVARISTO, 2005; DALCASTAGNÉ, 2008); (iii) o referencial desta análise está pautado em cientistas sociais que dialogam com os estudos fanonianos e com o feminismo negro da educadora bell hooks (PINHO, 2015; MALLUNGO DE SOUZA, 2013; FAUSTINO, 2014; 2015).

No Brasil, os estudos sobre masculinidades negras podem ser organizados em três abordagens, conforme Faustino e Ribeiro (2017), (a) masculinidades negras: raça e gênero, sob forte influência fanoniana; (b) masculinidades negras: gênero e raça, na perspectiva do feminismo negro; (c) masculinidades negras: intersecção, muito relacionada às discussões sobre sexualidade e educação. As reflexões deste artigo estão balizadas por autores ligados às três abordagens apresentadas, respectivamente, (a) Fanon (2008), Rosa (2006) e Faustino (2017); (b) bell hooks³ (1995; 2010; 2013; 2015) e (c) Pinho (1998; 2015). Jorge Amado é, até hoje, o escritor brasileiro mais reconhecido internacionalmente, o conteúdo imagético-discursivo da baianidade aparece amplamente difundido no gênero romance, que tem sido uma ferramenta ideológica exitosa para representar a Bahia como uma cultura *multirracial* e amistosa

(PINHO, 1998).

Como destacado pela escritora Conceição Evaristo, desde o período colonial, o cânone literário brasileiro se ancorou em estereótipos do passado escravo sobre a mulher negra, cuja representação se deu sob a ideia do corpo-procriação, do corpo-objeto de prazer do *macho-senhor*, muitas vezes, os próprios literatos (EVARISTO, 2005). Ao final deste artigo, afirma-se que tal lastro se estende às personagens homossexuais na obra *Suor*, de Jorge Amado.

Masculinidades Negras em debate no Brasil

O conceito de masculinidades negras tomado neste artigo, parte da concepção defendida por Faustino (2014) e Pinho (2015). Dessa forma, considera-se salutar reconhecer as masculinidades a partir de um prisma que reconhece suas diversas formas de se viver a experiência masculina negra, *grosso modo*, pensadas como dimensões plurais. Há um ideal do masculino forjado no clássico referencial ocidental, no entanto, o conceito de masculinidades negras, atenta-se para as diversas negociações, construções históricas, culturais e contradições imbricadas à experiência de ser negro numa sociedade racista e sexista.

Ao apresentar as discussões sobre masculinidades negras no Brasil, nos atentamos para dois pontos fundamentais, (i) trata-se de um campo em disputas nas ciências sociais, muitas vezes, arroladas pelas vertentes dos estudos pós-coloniais e decoloniais, em voga nas plataformas acadêmicas, (ii) Fanon (2008) tem sido um dos autores mais discutidos atualmente, embora em âmbito internacional já existam intelectuais, mulheres negras e brancas, criticando-o e atribuindo-lhe acusações sexistas.

Essa discussão não será desdobrada neste artigo, talvez, seja Faustino (2015) o autor que melhor aborda tais críticas feministas em relação a Fanon (2008). Além disso, Nascimento (2018, no prelo) afirma que há uma genealogia masculina em disputa pelos fanonismos no Brasil, que se beneficia da inexistência de traduções das biografias sobre Frantz

Rosânia do Nascimento
Mestranda e bacharel em Ciências Sociais, habilitação em Antropologia, pela Universidade de Brasília (ICS/DAN/UnB).

Contato:
<rosaniaoliveira01@gmail.com>

Palavras-chaves:
Masculinidades negras; Homem negro; Cientistas sociais negros.

Keywords:
Black masculinities; Black man; Black social scientists.

1 Jorge Amado não define Medonho, a personagem negra, como homossexual, mas Franz, branco e estrangeiro, sim. Esse ponto nos leva a refletir para mais uma estratégia do autor, que foi impor a Medonho, considerado corpulento, menos-prezado pelo ideal da beleza branca, a corresponder ao viés racista da virulência negra.

2 Sou uma autora baiana, ou seja, tal discurso me atravessa e, por entender suas limitações e fundamentos ideológicos, muitas vezes, racistas, defendo a perspectiva das críticas à baianidade desde dentro, ou seja, daquelas feitas por outros autores baianos, como Osmundo Pinho (1998).

3 hooks, exatamente grafado em minúsculo, é o pseudônimo de Gloria Watkins, feminista negra que tem desenvolvido desde a década de 1980, um arcabouço teórico sobre as limitações da categoria Gênero como

um discurso generalizado, baseado na relação mulher branca/patriarcado.

4 Este artigo, inclusive, resulta das minhas reflexões iniciais, em 2016, na disciplina de "Pensamento Negro Contemporâneo", ofertada pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (UnB) e ministrada pelas professoras Ana Luiza Flauzina e Edileuza Penha. Na ocasião, a turma foi levada para a apreciação final do relatório sobre extermínio da juventude negra na Câmara de Deputados e, noutra ocasião, seguiu com uma comitiva do Centro de Convivência Negra (CCN/UnB) para apreciação desta mesma temática no Senado.

5 Para aprofundar mais, ver a recente tradução de um dos capítulos desse livro supracitado por Conrado e Ribeiro (2017), "We real cool: black man and masculinity", para o português ver hooks, bell (2015).

Fanon para o português brasileiro e, por outro lado, muito do que é produzido por outras intelectuais da diáspora negra sofre embargo do sexismo do campo editorial e acadêmico no nosso país.

As pesquisas em bancos de dados, demonstram que masculinidades negras têm sido uma das palavras-chave mais recorrentes em eventos acadêmicos, periódicos, textos jornalísticos e redes sociais. O interesse por estes estudos, acompanham uma releitura de Fanon, sobremaneira, na envergadura da repercussão da morte de jovens negros, em ampla literatura, assinalado como extermínio da juventude negra e do encarceramento em massa (NASCIMENTO, 1978; FLAUZINA⁴, 2006).

Como notado por Connel e Messerschmidt (2013), masculinidade hegemônica também tem sido um conceito contestado por várias áreas do conhecimento e não cessam reformulações teórico-conceituais, exatamente por localizar-se, em termos contemporâneos, no campo das disputas (geo)políticas do conhecimento. Se masculinidade hegemônica passou a ser um termo recorrente na década de 1980 para tratar sobre desigualdade social na Austrália, masculinidades negras, por sua vez, é um conceito fundamental para entender de que forma o racismo epistêmico e estrutural atinge homens e mulheres negras de forma diferenciada, isto é, ao considerar gênero, sexualidade, região, observa-se marcadores de diferença e de subjetivação.

Como assinalado por Conrado e Ribeiro (2017), *masculinidades negras* não pode ser confundido como um conceito que abrange pessoas individualmente, ou grupos de pessoas. As suas segmentações ou subdivisões podem prejudicar a compreensão da totalidade dos processos pelos quais sujeitos negros são submetidos ou estão subjugados. Assim, as discussões sobre masculinidades negras considera as intersecções de classe, região, sexualidade, gênero e raça. Essa experiência engendrou diferentes formas ligadas à socialização das masculinidades (homossexuais, negros, transgêneros, pobres, marginalizados, com baixa escolaridade, camponeses).

A ausência dos negros nos espaços de poder, está respaldada por um processo de invisibilização e extermínio sob desígnios coloniais. Trazer à tona as dimensões intelectuais de autores negros nesta seção, cumpre com esse objetivo de investigar os estereótipos naturalizados na literatura, mas que são contestados por corresponder aos privilégios patriarcais dos escritores brancos.

Para Frantz Fanon (2008), o pensamento hegeliano não considera o Negro um homem, mas um *homem negro* e como tal, ele não tem humanidade. O homem negro nem sequer vislumbra a universalidade ocidental, ele desaparece quando se pensa em ser humano. A afirmação do martinicano é sobre a experiência vivida pelo homem negro diásporizado, mas pode ser interpretado como uma reflexão autobiográfica desde a fase de Fanon como soldado do *front* da Segunda Guerra Mundial, estudante negro na França e, por fim, como médico psicanalista no afã da revolução argelina, em África (Faustino, 2015).

A partir da máxima da *zona de não ser* considerada uma região estéril e árida, portanto, remota e desconhecida (Fanon, 2008), o antropólogo Os-

mundo Pinho (2015) analisa a articulação da racialização da sexualidade e da sexualização da raça como dispositivos de uma biopolítica colonial que afeta os corpos negros. "Que quer o homem? Que quer o homem negro?" Pergunta-se o martinicano Fanon (2008, p. 26). No intuito de responder essas indagações, Osmundo Pinho afirma que a condição estrutural da negritude é a *ausência*. Ela corresponde à forma violenta de negar a subjetividade e as afetividades negras:

Haveria uma ambiguidade essencial na negritude, buracos que são buracos. O "buraco" é o modo institucional da mãe-fê para o feminino- porque a mulher é um "homem mutilado", do ponto de vista da psicanalítica burguesa- e todos os negros estão dessa forma em uma condição feminina, porque extrairiam sua completude da relação com esse Outro poderoso que os preenche (PINHO, 2015, p. 2).

Para Pinho (2015), a personagem do romance de René Maran trata das agruras de um negro, chamado na obra literária de Jean Veneuse, e da sua busca pela aceitação no mundo do branco pelas investidas na conquista de uma mulher branca. Veneuse sofre da neurose da cor forjada pelo colonialismo. O ato do negro enfiar-se em seu coração como um espinho, é definido por Osmundo Pinho como auto-flagelação. Veneuse precisa arrancar-se de si para desposar a cultura branca. De acordo com Fanon (2008), o drama é que Jean Veneuse nega sua raça e, por conseguinte, os brancos não o compreendem. O problema, como o martinicano sugere, é que Veneuse é de origem antilhana, um negro que mora em Bordeaux, França. Entretanto, o branco europeu ignora os negros das suas colônias, mesmo estes se submetendo a sua branquidão. Para Pinho (2015), a construção do homem negro é intrínseca à indissociabilidade entre a negritude e a forma-mercadoria que informa as preferências sexuais, da mesma forma que nega as políticas da respeitabilidade da comunidade negra, ou seja, trata-se de um dispositivo da sociedade colonial. A sexualidade negra estrutura a desestabilização das políticas de integração, pois está cerceada por uma moralidade burguesa que tem o patriarcado heterossexual como seu paradigma hegemônico.

A educadora bell hooks (2013 e 2015), talvez tenha sido a principal feminista a dedicar-se a compreender as benesses adquiridas pelos homens negros no patriarcado, na medida em que se notava nos Estados Unidos, como as diferenças afastavam ou aproximavam estes em relação aos homens brancos. Para repensar como homens negros se beneficiaram historicamente do sexismo, em relação às mulheres negras, a autora cunhou a expressão *plantation patriarchy*⁵. A expressão utilizada por bell hooks, refere-se aos processos da socialização dos homens negros ao longo dos séculos XVIII e XIX. Tais clivagens foram responsáveis pela violência reproduzida no interior das famílias negras e, pela exacerbação da virilidade masculina negra e dos discursos anti-intelectuais, como relação assimétrica de poder.

No feminismo negro brasileiro, Sueli Carneiro (1995) destaca as vantagens sociais acionadas por homens negros em relação às mulheres negras.

Para a filósofa, tais prestígios são concedidos, não conquistados por negociações. Afinal, o poder político e econômico continua sob o domínio do homem branco:

“Qualquer poder que o homem negro exerça, ele o faz por delegação do branco de plantão que, pode destitui-lo a qualquer tempo, por isso, é consentida a mobilidade individual de alguns negros ao mesmo tempo em que, é controlada e reprimida a mobilidade coletiva, posto que o negro em processo de ascensão individual está fragilizado e, sob o controle do poder do branco, é uma das garantias exigidas pelo poder branco a este negro (para que ele não caia) e a sua lealdade. Portanto, o homem branco permite que alguns negros participem do poder preferencialmente naqueles lugares que não têm importância para os brancos” (CARNEIRO, 1995, p. 546).

Nesse sentido, o que tem sido recorrente pela crítica feminista negra, é o desafio de repensar os novos valores dos sujeitos negros, ao considerar os obstáculos perpetrados pelo mito da democracia racial, uma vez que se constata o preterimento da mulher negra. O aumento substancial dos relacionamentos inter-raciais, do qual o homem negro, heterossexual se beneficia ao experimentar a ascensão social, é bastante enfatizado pela filósofa Sueli Carneiro (1995).

Ao analisar as *performances* do homem negro e periférico, Waldemir Rosa (2006) analisa as limitações e possibilidades da virilidade como matriz explicativa dessas masculinidades negras. O autor, numa análise da divisão sexual do trabalho escravista, afirma que a violência e o controle social foram norteadores da realidade do homem negro. Os estereótipos favoreceram a construção *mítica* do negro como ameaça, ou como sujeito alienante do sistema sexista, por exemplo. Essa crítica do autor está direcionada para algumas vertentes feministas, das mulheres brancas, pois ao tratar da inserção do homem negro no patriarcado, as análises alicerçaram-se em pressupostos racistas.

Malungo de Souza (2013) aponta que uma das contribuições das discussões sobre masculinidades negras foi repensar como essas vantagens sociais se entrecruzam a partir do gênero, raça, classe, e sexualidade, A falomaquia, que é a ideia eugenista em relação ao tamanho do pênis do homem negro, se dá pela representação do homem negro na literatura nacional e nas teses científicas. As ciências sociais também não escapam às críticas do autor: nomes consagrados contribuíram, em menor ou maior grau, para transformar o homem negro no medo cultural das sociedades coloniais.

A representação das personagens negras em Jorge Amado

O escritor baiano Jorge Amado pode ser considerado um dos “guias da baianidade” (PINHO, 1998). Trazer à luz novos olhares sobre sua obra é atualizar as discussões acadêmicas como aquelas perpetradas por algumas escritoras e estudiosas, como Conceição Evaristo (2005) e Regina Dalcastagné (2008). No campo da crítica literária, demonstrou-se que nos últimos 20 anos quase 80% das personagens

dos romances brasileiros eram brancas, e essa proporção aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores(as) (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 87).

Pode-se afirmar que a literatura brasileira está alinhada ao escopo racista e sexista. Ao pensar as ausências ou representações dos negros na literatura brasileira, O objetivo desta seção não é apresentar a obra *Suor* de Jorge Amado exaustivamente, para isso já existem análises suficientes no *hall* da literatura. As críticas ao escritor, não se configuram aqui pelo *juízo de valor*, como abordado em “Jorge Amado: Política e Literatura”, do cientista social Alfredo B. de Almeida (1979), e por outros escritores brasileiros, como Graciliano Ramos, que teceu críticas públicas ao escritor baiano. Amado esteve, desde o início da sua carreira literária, acostumado com querelas e disputas, dado o cenário da literatura e da crítica literária. Seu sucesso internacional, inclusive, deve-se muito a elas. A diferença que se observa neste artigo, é autoria de quem as defende atualmente, em sua maioria, mulheres e homens negros e demais pesquisadores acadêmicos.

O livro *Suor*, de Jorge Amado, foi publicado originalmente em 1934 e acompanha a primeira fase do escritor. Almeida (1979) elenca várias transformações na carreira literária do escritor. *Suor*, em especial, está inserida na expressão sociológica do romance proletário. Jorge Amado remete este título, talvez, para pensar o fluido secretado pelo trabalho, a fim de reforçar o labor dos estivadores, presentes em algumas passagens do romance. Tal recurso literário reafirma o alinhamento do autor às discussões do proletariado, cujo romance é classificado, segundo as associações ideológicas pelas quais mantinha com a esquerda na década 1930,

Conforme Alfredo B. De Almeida (1979), o romance é uma produção literária particular situada entre os fins dos anos 1920 e início da década de 1930 e, sucede temporalmente o modernismo. Além disso, se manifesta nos livros e nos temas regionais emergentes, em substituição à poesia, que é vista como marca de uma produção literária passadista. Jorge Amado inicia sua produção no momento em que as ciências sociais passam a ser institucionalizadas nas cátedras universitárias. A fundação da Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo, estava orientada pelos pressupostos freyreanos.

O recorte espacial é a cidade de Salvador, apesar do lapso do pós-emanipação, Jorge Amado prefere representar as personagens negras do romance aglomeradas em cubículos, sem a menor condição de sobrevivência ou proximidade humana. Os corpos negros pululam sem escrúpulos. Ao recuperar Pinho (2015), o recurso literário pode ser pensado como um dispositivo da sexualização da raça. As personagens negras estão condicionadas aos usos e abusos da licenciosidade do homem branco, que mantém relações eróticas com as personagens, mulheres e homens do enredo especial, o romance é atravessado por uma particularidade: os homens procuram-se e, neste caso, dirigem-se até Medonho, negro e baiano,; e Franz, branco e estrangeiro.

Jorge Amado, ao transferir para sua obra os ideais sociológicos e históricos da democracia racial, inferioriza os homens negros do enredo de *Suor*. Um traço marcante da sua obra, é a maneira pela qual o

autor sacramenta a morte simbólica e a inexistência da afetividade. Ao criar dispositivos estilísticos, o escritor distancia os corpos negros, desde relações entre mulheres negras e homens negros, entre mulheres negras que amam outras mulheres, ou entre os próprios homens negros, nas dimensões sexuais, afetivas ou aqueles valores relacionados à comunidade negra. Ao representar sua personagem Henrique, em *Suor*, Jorge Amado (1995, p. 32-33), corrobora nossas observações (i) "Henrique se lembrava bem era da rua", (ii) "dos mulatinhos safados que corriam ladeira abaixo e rolavam em brigas sangrentas" e que (iii) "espiavam seios luzidios e grandes de negras que sorriam dentes amigos".

"Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comisseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Em Jorge Amado, é a mulher-natureza incapaz de entender e atender as determinadas normas sociais [...] Estaria o discurso literário, como o histórico, procurando apagar os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira?" (EVARISTO, 2005, p. 53).

De qual masculinidade Jorge Amado fala? A homossexualidade na obra do escritor baiano sempre se reduziu a uma breve passagem. Para Barreto (2013), quando se pensa em homossexuais negros, as personagens restringem-se tão somente aos relances literários curtos, sem grandes enredos, uma temática subalternizada. No Capítulo III de *Suor*, Jorge Amado (1995) associa os homens negros à masculinidade hegemônica, violenta e compulsória.

O escritor apresenta ao leitor um *fenômeno* muito conhecido pelos homens das suas obras, embora segredado para manter a norma burguesa da licenciosidade sexual: as relações homoeróticas, neste livro, protagonizadas por duas personagens, Medonho e Franz:

"O alemão se chamava Franz e fora sacristão num convento. O preto, apelidado de Medonho, vendia frutas durante o dia. Franz morava no terceiro andar e Medonho nos cortiços do fundo. Quando a fome de mulher aumentava muito e se rareavam as copeiras, os homens recorriam a eles, alguns enojados, outros sorridentes. Explicavam: -Tou atrasado para burro. A única diferença consistia em que Franz pagava aos homens que o frequentavam. O pior é que ele gostava de se amigar e só se entregava a um. Chorava quando era abandonado. Os homens não gostavam disso. Já Medonho era mais liberal. De certa hora em diante, o seu quarto estava aberto a todos aqueles que sofriam falta de dinheiro e de mulher. Apesar de porco e feio, beijos grossos e nariz chato, alguns o elogiavam. Demais oferecia feijoada e pinga aos admiradores e cantava sambas e marchas da moda. Não dava nem recebia dinheiro. Sentia

nojo de Franz, "alemão porco que fazia buchê [sexo oral]" (AMADO, 1995, p. 53-54).

Jorge Amado pauta-se na heterossexualização do desejo e da moral como fundamento dos ideais de masculinidade do homem branco para representar as personagens homossexuais. Ao pensar as dicotomias entre as personagens, percebe-se que o escritor o faz pela perspectiva da raça e da origem: Medonho é baiano e negro, Franz, estrangeiro e branco. Por outro lado, a explicação usada pelo escritor é a de que os homens "estavam atrasados para burro", o que significa que não se situavam na dimensão da homossexualidade em si, apenas de uma necessidade masculina que seria o sexo, como afirmação do seu papel social de macho.

Fry e MacRae (1985, p. 8), notam que a homossexualidade no imaginário brasileiro nem sempre coincide com assumir-se afetivamente. Em outros casos, os significados de homossexualidade variam conforme as regiões do país, afinal "um homem pode manter relações sexuais com outra pessoa que considere uma bicha. Para ele, não tem nada de diferente nesta atividade. Nem por isso ele é *menos* homem". Apesar disso, a representação de Medonho está balizada na desqualificação racial, desde a escolha do nome da personagem, caracterizada como "sujo, feio ou liberal". As diferenças não se situam apenas nas preferências sexuais de Franz, que gosta de ser acarinhado ou de fazer sexo oral (buchê). Jorge Amado constrói, em *Suor*, a *performance* de um homem negro, Medonho, que foge à regra da norma por relacionar-se com outros homens, mas o mantém no espectro social da atividade da violência.

Atualmente, o mito da mitologia falomáquica tem sido desconstruído por vários autores. Para Malungo de Souza (2009), o homem negro foi excluído das categorias de afetividade, ele fora excluído simbolicamente até mesmo do processo da miscigenação. A genética foi considerada ruim, degenerada, não serviria, por exemplo, para retratar o mito da Redenção de Cam. Não é difícil de se notar que a representação dos homens negros se dá pelo temor psíquico do mito macrofálico, e como tal, o negro não tem direito à afetividade.

Essa negação da afetividade vivenciada pela personagem Medonho, no romance aqui analisado, remete também ao espectro de outras figuras reconhecidas pelas transgressões de gênero e sexualidade como Madame Satã e Joãozinho da Goméia que desafiavam a norma sexual e policial, da cidade do Rio de Janeiro da década de 1930 (GREEN, 2003; FERREIRA, 2016).

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se elucidar as reflexões da autoria negra, no intuito de dialogar com um campo ainda pouco investigado pela academia brasileira, porém, em fortes disputas, como se tem percebido em relação aos estudos sobre masculinidades negras. O referencial aportado neste escrito, revela tensões, contradições e imbricações ideológicas e raciais para inserir masculinidades negras na vertente dos estudos de gênero dificultado, em partes, pela tradição dos estudos feministas brasileiros que logrou abertura a partir das mulheres brancas, sobretudo, aquelas teóricas que tiveram acesso aos

discursos hegemônicos das francesas e norte-americanas a partir da segunda metade do século XX.

Para Jorge Amado (1995), Franz e Medonho eram acionados como coadjuvantes sexuais dos homens que sonhavam com mulheres brancas, quando não conseguiam realizar seus desejos ou delírios da colonialidade. Para lembrar Fanon (2008), saíam da normatividade, ou melhor, forjavam brechas que não sucumbiam seu papel social de macho-senhor. Se estivessem “apertados para burro”, acionariam as personagens homossexuais do enredo. De acordo com Barreto (2013), homossexuais masculinos ocupam um lugar periférico em Jorge Amado, ou são apresentados com brevidade e à luz de estereótipos, são sempre personagens sem grandes destaques.

Conceição Evaristo (2005, p. 53), afirma que há uma literatura nacional que invisibiliza mulheres e homens negros, ou ficcionaliza a partir de estereótipos racistas e sexistas. A escritora indaga: “Teria a literatura, a tendência de ignorar o papel dos negros na formação da cultura nacional?”. Em seguida, apresenta a alegoria da “pena” para ilustrar o poderio do homem branco na escrita de obras ficcionais, ao mesmo tempo, reivindica a emergência de uma literatura negra que se aproprie deste instrumento de poder. Ao assenhorar-se da pena, autores negros tensionam a expropriação do poder falocêntrico branco, e, dessa forma constroem possibilidades para se autorrepresentar.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. (1979), *Jorge Amado: política e literatura: um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado*. Rio de Janeiro, Campus.

AMADO, Jorge. Suor. (1995). 47ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record.

BARRETO, J. X. Antonio. A homossexualidade na obra Suor de Jorge Amado. In: Congresso Internacional de Letras, 5, 2013, Bahia. *Anais*..Bahia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013.

CARNEIRO, Sueli. (1995), “Gênero, Raça e Ascensão Social”. *Estudos Feministas*, 3, 2: 544-552.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. (2015), “Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate”. *Estudos Feministas* 25, 1: 73-97.

CONNEL, W. Robert; Messerschmidt, W. James. (2013), “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. *Estudos Feministas*, 21, 1: 241-282.

DALCASTAGNÊ, Regina. (2008), “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, 31, 87-110.

EVARISTO, Conceição. (2005). “Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira”. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, 1, 1: páginas.

FANON, Frantz. (2008). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EdUFBA.

FAUSTINO, D. (2014), O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: E. A. Blay (org.), *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra mulher*, São Paulo, Cultura Acadêmica, p. 75-104.

_____. (2015). “Por que Fanon? Por que agora?": *Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, datilo.

FERREIRA, Thiago Almeida. (2016), *João da Goméia: transgressões e identidades de gênero no candomblé*. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História), Universidade de Brasília, Brasília, datilo. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/15310>>.

FLAUZINA, Ana Luiza. (2006), *Corpo Negro caído no chão: o sistema penal e o genocídio do negro brasileiro*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Direito, Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF, datilo.

FRY, Peter & MacRae, Edward. (1985), *O que é homossexualidade?* São Paulo, Editora Abril Cultural Brasiliense.

GREEN, James. (2003), “O Pasquim e Madame Satã, a “rainha” negra da boemia brasileira”. *Topoi*, 4, 7: 201-221.

hooks, bell. (2013), *Ensinando a Transgredir: a educação como prática para liberdade*. São Paulo, WMF Martins Fontes.

_____. (2015), “Mulheres Negras: moldando a teoria feminista”. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Revisão de Flávia Biroli. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 16: 193-210.

NASCIMENTO, Abdias. (1978), *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro, Vozes.

NASCIMENTO, Rosânia. (2018), Frantz Fanon no Brasil: uma releitura da sua recepção pelo pensamento negro feminino. No prelo.

PINHO, Osmundo. (1998). “A BAHIA NO FUNDAMENTAL: Notas para uma interpretação do discurso ideológico da baianidade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13, 36: páginas.

PINHO, Osmundo. (2015), Um espinho no coração do mundo: Racialização, Sexualidade e Insubordinação Subjetiva. In: *Consciência Negra em Debate: Epistemologias da Resistência*. Mesa: Racismo, Gênero e Sexualidade: Politizando a Violência e o Amor. Brasília-DF, 11 de novembro.

RIBEIRO, A. M. Alan. Blackness: identidades, racismo e masculinidades em Bell Hooks. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2012. *Anais Eletrônicos* ... Florianópolis: colocar a editora ou onde foi publicado. p. 1-13. Disponível em: <<http://kilombagem.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Alan-augusto-bell-hooks-masculinidade-.pdf>>. Acessado em 15 de janeiro de 2017.

RIBEIRO, A. M. A & Faustino, Deivison. (2017), D. Negro tema, Negro vida, Negro drama: estudos sobre masculinidades na

Diáspora. *Transversos*: Revista de História, 10: páginas.

ROSA, Waldemir. (2006). *Homem Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro*. Dissertação de Mestrado (Antropologia-DAN), Universidade de Brasília, DAN-ICS-UnB, Brasília-DF. 90f., datilo. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/im_ges/doc/Dissertaco.213.pdf>. Acessado em 27 de novembro de 2016.

SOUZA, Rolf Malungo de. (2009), "As representações do homem negro e suas consequências". *Revista Fórum Identidades*, 3, 6: 97-115.

_____. (2013), "Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente". *Antropolítica*, 34: 35-52.

